

UNIVERSIDADE TIRADENTES

ELENILDA MARIA DE OLIVEIRA MESSIAS

A CERÂMICA PARA AS MULHERES DE SANTANA  
DO SÃO FRANCISCO/SE: SABERES E PRÁTICAS

Propriá  
2012

ELENILDA MARIA DE OLIVEIRA MESSIAS

A CERÂMICA PARA AS MULHERES DE SANTANA  
DO SÃO FRANCISCO/SE: SABERES E PRÁTICAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Tiradentes  
como um dos pré-requisitos para a  
obtenção do grau de bacharel em Serviço  
Social.

Orientadora: Adelina Amélia Vieira  
Lubambo de Britto

Propriá  
2012

M585c Messias, Elenilda Maria de Oliveira

A cerâmica para as mulheres de Santana do São Francisco/Se. / Elenilda Maria de Oliveira Messias, orientadora: Adelina Amélia Vieira Lubambo de Britto. – Estância/Se, 2012.

75 p.: il.  
Inclui bibliografia.

Monografia (Bacharelado em Serviço Social). – Universidade Tiradentes, 2012.

1. Artesãs. 2. Cultura. 3. Cerâmica. I. Britto, Adelina Amélia Vieira Lubambo.

(orient.) II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU: 364.23

ELENILDA MARIA DE OLIVEIRA MESSIAS

A CERÂMICA PARA AS MULHERES DE SANTANA  
DO SÃO FRANCISCO/SE: SABERES E PRÁTICAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade como  
um dos pré-requisitos para a  
obtenção do grau de bacharel em  
Serviço Social.

Orientadora: Adelina Amélia Vieira  
Lubambo de Britto.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora Prof. Adelina Amélia Vieira Lubambo de Britto  
Universidade Tiradentes

---

Examinadora Prof. Jesana Batista Pereira  
Universidade Tiradentes

---

Examinadora Prof. Patrícia Santos Silva  
Universidade Tiradentes

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as artesãs santanense, a minha família religiosa Pobres filhas da Visitação e a minha família maternal.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, meu companheiro, por tudo que me deu: o dom da vida, fonte de todo meu amor e fortaleza. Pela graça de estar finalizando mais um desafio e pela coragem de confiar nele em todos os momentos da vida sejam nas horas de alegria ou de tristeza.

A Nossa Senhora, minha mãezinha Maria Santíssima e Madre Claudia Russo que me acompanharam (e acompanha) durante toda a jornada, intercedendo por me a Deus.

A minha mãe Maria José, e família: Elenilza, Elenilson, Everton, Emerson, Ryan e Rivaldo pelo apoio e orações que sempre me incentivaram e apostaram em minha trajetória acadêmica.

A minha família religiosa Pobres Filhas da Visitação de Maria, em especial a Madre Maria Antonieta, Irmã Rosanna Russo, Irmã Maria Catapano e Irmã Rita Tufano pelas orações, confiança e paciência com palavras de incentivos nos momentos difíceis e principalmente nos momentos mais importante desta caminhada acadêmica.

As minhas amigas Viviane, Ana Ruth e a assistente social Maria das Graças, pela partilha e incentivo diante de tantas dificuldades, em minha trajetória acadêmica, estimo muito vocês.

A Professora e orientadora Adelina Amélia, por ter sido mais que uma professora, uma amiga, que com seu incentivo e grande conhecimento tornou esta trabalho realizável.

As professoras examinadoras pelo estímulo e palavras de incentivo que muito valeram para meu crescimento acadêmico e para a realização deste trabalho.

Um agradecimento especial a todos os professores da FITS, UNIT e colegas de turmas, adquiridos ao longo da jornada nas duas universidades, pelos bons momentos compartilhados e por tudo que aprendemos e crescemos juntos. Irei levá-los sempre comigo em minhas orações.

Aos amigos e as pessoas que passaram pela minha vida, bem como os companheiros do carro do município de Santana do São Francisco. Aos que passaram e deixaram alguns conselhos e que, além disso, acreditaram no meu sucesso profissional.

E as artesãs Santanense, que puderam me ajudar partilhando suas experiências de vida e de arte que contribuíram para que esta monografia fosse realizada.

*Pode o barro querer se comparar com o oleiro?*

*E o pote, será que pode dizer ao seu oleiro:*

*“Você não entende nada”?*

*Isaias 29, 16*



## RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema As mulheres ceramistas de Santana do São Francisco/SE: seus saberes e práticas. Procurou-se descrever o cotidiano das mulheres em meio ao trabalho e como elas conseguem construir manualmente as peças de cerâmica, suas experiências de vida e a preservação desta arte bem como pesquisar as políticas voltadas para a reorganização do artesanato no município. Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica que nos estimulou em prosseguir, pois muito pouco foi encontrado em termos de escritos e publicações entendendo a relevância que poderá ter nossa pesquisa para o futuro do município e para as artesãs. Fizemos uso da pesquisa documental em bibliotecas diversas, sites da internet e pesquisadores como Dalglish(2008), Silva(2010), Almeida(2003), Canclini(2008), Joppert(2002), Strauss(1985) e Forjado(2002), o que nos deixou acreditar estarmos trilhando o caminho certo. Além da abordagem de investigação etnográfico como técnicas de pesquisa, utilizamos o gravador, a câmera fotográfica, o caderno de campo e ainda nos valem da história oral e da observação. Como resultados alcançados, além do aprendizado adquirido, pudemos confirmar que as ceramistas são provas vivas de uma cultura que se não houver o interesse de outras instâncias governamentais estará tendente ao desaparecimento haja vista não haver interesse das gerações posteriores em continuar a atividade seja pelo novo olhar às transformações apresentadas pelo mundo contemporâneo ou por visualizar a cerâmica e o próprio artesanato como algo pouco lucrativo e de fácil produção, não enxergando que a grande riqueza está incrustada nas mãos, no interior de cada artesão ou artesã que transfere para o barro, a sua vida.

Palavras chave: Artesãs; cultura; cerâmica.

## ABSTRACT

This research presents the theme Women potters of the San Francisco Santana / SE: their knowledge and practices. We sought to describe the daily life of women in the midst of work and how they can build manually ceramics, their life experiences and the preservation of this art as well as researching the policies for the reorganization of the craft in the city. The methodology used the literature that encouraged us to continue because very little was found in terms of understanding the writings and publications relevant to our research may have for the future of the city and to the artisans. We made use of documentary research in various libraries, internet sites and researchers such as Dalglish(2008), Silva(2010), Almeida(2003), Canclini(2008), Joppert(2002), Strauss(1985) and Forjado(2002) which made us believe we are treading the right path. The method used was ethnographic research techniques and how to use the recorder, the camera, the field notebook and still we make use of oral history and observation. As results, and the knowledge acquired, we could confirm that the potters are living proof of a culture that if there is interest from other government bodies will be tending to disappear in view of no interest of later generations to continue the activity is the new look to changes made by the contemporary world view or their own pottery and craft as something unprofitable and easy to produce, not seeing that great wealth is embedded in the hands, inside of each craftsman or artisan who transfers to the clay in your life . Keywords: Artisans, culture, pottery.

## LISTA DE SIGLAS

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente.

IBGE – Instituto Brasileiro Geografia Estatística.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

PAB – Programa do Artesanato Brasileiro.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio as Micros e Pequenas Empresas.

SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

## LISTA DE FOTOS

<b>FOTO 01:</b> Urna Funerária.....	24
<b>FOTO 02:</b> Forma cerâmica do Baixo São Francisco-Xingó.....	24
<b>FOTO 03:</b> Cidade Santana do São Francisco/SE.....	33
<b>FOTO 04:</b> Fazenda Carrapicho.....	34
<b>FOTO 05:</b> Igreja Santana do São Francisco.....	36
<b>FOTO 06:</b> Mulher ceramista.....	37
<b>FOTO 07:</b> Peças exposta para venda.....	39
<b>FOTO 08:</b> Apontadores preparando o barro.....	41
<b>FOTO 09:</b> As mulheres transportando o barro em cestos .....	41
<b>FOTO 10:</b> Transporte de pias em carroça.....	42
<b>FOTO 11:</b> Barro espalhado na parede para secar.....	43
<b>FOTO 12:</b> Materiais utilizados para modelagem.....	43
<b>FOTO 13:</b> Peças para secar um pouco no sol.....	43
<b>FOTO 14:</b> Forno.....	45
<b>FOTO 15:</b> Ceramista pintando as peças.....	45
<b>FOTO 16:</b> Peças pintadas para a venda.....	45

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 01:</b> Escolaridade.....	47
<b>GRÁFICO 02:</b> Maior Desafio na Cerâmica.....	48
<b>GRÁFICO 03:</b> Motivo que levou a ser Ceramista.....	52
<b>GRÁFICO 04:</b> Divisão do trabalho na Cerâmica.....	53

# SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2- PANORAMA SOBRE A CERÂMICA NO MUNDO.....</b>	<b>18</b>
2.1- Trabalhando Artesanato e Cultura Popular.....	25
2.2- Patrimônio Cultural: bens Culturais Tangíveis e Intangíveis.....	29
<b>3- SANTANA DO SÃO FRANCISCO, SUA RIQUEZA VERMELHA E SUAS ETAPAS.....</b>	<b>33</b>
3.1- A Cerâmica para as Mulheres Santanense.....	46
3.2- O Cotidiano da Mulher Ceramista.....	51
3.3- A Vida em meio a Cerâmica.....	54
<b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>5- REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
<b>6- GLOSÁRIO.....</b>	<b>67</b>
<b>7- ANEXOS.....</b>	<b>68</b>
<b>8- APÊNDICE.....</b>	<b>81</b>

# 1- INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a realidade e os desafios da mulher ceramistas do Município de Santana do São Francisco/SE.

Propomo-nos pesquisar sobre as artesãs de Santana do São Francisco, motivadas em trazer para o público a vivência das mulheres ceramistas através das observações realizadas no cotidiano do município. Tal proposta torna-se possível a partir da decisão em realizar o trabalho de conclusão do curso-TCC.

A necessidade de desenvolver atividades na localidade onde já permanecemos a mais de três anos, nos aguçou a observa a riqueza do artesanato cerâmico ali desenvolvido, das artesãs mães de famílias com pouca instrução educacional, mas que através dos ensinamentos de suas mães e avós observaram as técnicas tradicionais utilizadas e fizeram destas, meios de sobrevivência.

Procurando entender os motivos que as levaram a inserir-se na produção da cerâmica, além de perceber que o resultado deste trabalho é bonito, não possui registro em documentos sobre estas mulheres ceramistas, nos levou a questionar sobre a possibilidade de não haver continuidade desta arte tão peculiar, pois os jovens descendentes não tem interesse em apropriassem destes saberes. .

Foi nesta convivência com elas que percebemos que a cerâmica deu suporte em sua sobrevivência, como terapia, no relacionamento uma com as outras e até sentirem-se felizes em ser ceramista, além registrar suas histórias que falam da vida pessoal, das experiências adquiridas na vivência com o barro e seus saberes e fazeres em lidar com a cerâmica.

Querer saber mais nos fez debruçar sobre diversas obras e munidas pela curiosidade de pesquisadora iniciante mantivemos com estas mulheres artesãs diálogos que contribuíram para chegarmos as conclusões que vieram colaborar com nossas suposições iniciais.

Ressaltamos que o período utilizado para nossas abordagens ocorreram entre 15 a 30 de Abril de 2012, mas anteriormente a este período já vínhamos buscando maiores aproximações com o grupo de mulheres artesãs que preferem não aderir às novas tecnologias por terem aprendido manualmente a produzirem peças na forma tradicional.

O objetivo desta pesquisa foi analisar a participação das mulheres artesãs na produção da cerâmica e sua importância para a história de Santana do São Francisco/Se, bem como saber o que falta à mulher ceramista para melhorar sua produção. Como é o processo de trabalho com a cerâmica? E como se dá a participação da mulher na cerâmica conciliada ao seu cotidiano? São questões que durante a pesquisa puderam ser respondidas.

A importância de trabalhar com a complexidade, a especificidade e as diferenças existentes no processo de trabalho do segmento mulher ceramista e ao mesmo tempo contextualizada em sua singularidade é que prioriza a pesquisa através de abordagens qualitativas tendo como instrumento principal a construção de história de vida, pelo fato de considerar a relação dinâmica entre a pesquisadora e as pesquisadas no ambiente em que a realidade investigada está inserida.

A abordagem de investigação científica é do tipo etnográfico, direcionado para observação participante e descrições das atividades realizadas no dia a dia e pelas histórias de vida das mulheres ceramistas, além de pesquisa bibliográfica fundamentada em alguns autores como: Lalada Dalgligh(2008), Maria da Conceição



Almeida(2003), Canclini(2008), Gilda Joppert(2002), Lévi-Strauss(1985), Elias Forjado(2002) e Igor Libertador Silva(2010), que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

Para isto utilizamos a observação sistemática como instrumento para a coleta de dados através de entrevista semiestruturada e observações empíricas com oito mulheres ceramistas, três artesãos e um historiador (memória oral) Roberto Batista Cruz<sup>1</sup>.

Também nos utilizamos câmara fotográfica, gravador, caderno de campo, além das visitas domiciliares, com a finalidade de que os fatos fossem percebidos não só pela fala, mas das condições de vida, histórica, socioeconômica e cultural, visto que a princípio o campo de pesquisa não é transparente, desta forma observamos as atitudes, os gestos, as relações e comportamentos através da realidade estudada.

No que se refere a análise de dados, optamos em realizar análise da fala, visto que se trata de compreender as atitudes do sujeito da pesquisa, conforme aponta Marconi e Presotto (2009), com o intuito de saber mais a respeito da mulher ceramista. Assim estruturamos a pesquisa em três capítulos:

O primeiro capítulo direcionamos para a introdução, onde apresentamos o tema, a organização estrutural, os objetivos desta pesquisa e o método utilizado.

No segundo capítulo abordamos o artesanato em meio a cultura popular, sendo um patrimônio de bens culturais tangíveis: a cerâmica e bens culturais intangíveis que são a memória oral das ceramistas.

No terceiro capítulo foram desenvolvidos os relatos e as experiências de histórias de vida que durante os momentos da pesquisa de campo contribuiu para a

---

<sup>1</sup> CRUZ, R. Batista é pós graduado em Metodologia da História e Geografia. Há 10 anos produziu o 1º livro sobre Carrapicho hoje conhecida como Santana do São Francisco, ainda não publicado.

construção histórica do município, o significado da cerâmica para as mulheres, bem como a conciliação da cerâmica com seu cotidiano.

O universo da pesquisa são as mulheres que produzem a cerâmica manualmente. Sendo que, para a mostra foram entrevistadas 08 mulheres, com mais de 30 anos de idade, sem muita escolaridade e que fazem parte de família que não tinham condições financeiras suficientes para as necessidades básicas e por isso, desde cedo, quando crianças, a partir de sete anos, ingressaram na cerâmica seguindo o exemplo de suas mães ou outra parenta de sua família, até os dias de hoje.

Para algumas entrevistadas, a cerâmica surgiu em suas vidas, após o casamento aumenta a necessidade de ter uma renda para suprir as despesas essenciais, visto que os seus maridos não ganhavam o suficiente para supri-las. As artesãs possuindo entre 04 e 12 filhos tiveram que aprender a modelar o barro e muitas vezes ser a única provedora da família, formaram renda, visto que era um meio de sobrevivência.

Portanto, esta pesquisa é de suma importância, pois, para nós do serviço social e enquanto pesquisadora iniciante, demonstra a relevância a partir da compreensão sobre o relato das histórias aqui trabalhadas que entendemos contribuirá para a inclusão e o reconhecimento dos saberes e fazeres tradicionais. Como afirma Almeida (2007, p.11): “compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanece como parte da herança cultural do povo brasileiro”.

Chegamos à conclusão de que está pesquisa poderá contribuir muito para a história do município de Santana do São Francisco, desde que órgãos públicos tenham interesse em manter vivo este patrimônio cultural que tende a não se

perpetuar, a partir do momento em que estas ceramistas passarem a não fazer parte da história do município.

Esperamos que esta nossa contribuição possa aguçar novos olhares para a importância de continuidade desta arte que é a cerâmica tradicional, através de documentários, pelo tombamento do bem cultural ou ainda possa impressionar novos pesquisadores que possivelmente acreditam ser o artesanato da cerâmica pouco valorizada no Brasil.

## 2- PANORAMA SOBRE A CERÂMICA NO MUNDO

O barro é cada gesto, cada sentido.  
 O barro é o feto explodido do útero da terra  
 O barro é o lenço atado ao cabelo da lavadeira.  
 O barro é cada anseio, cada canção.  
 Dessa gente que sonha com o coração.  
 (Claudio Bento-artesão)

Cada povo elabora sua própria cultura e também é influenciada por outras culturas. Todas as sociedades, desde as mais simples até as mais complexas, possuem cultura. Não há sociedade sem cultura, do mesmo modo que não existe ser humano privado de cultura. Giddens diz que:

a cultura refere-se às formas de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dentro da sociedade. Incluem como elas se vestem, seus costumes matrimoniais e vida familiar, seus padrões de trabalho, cerimônias religiosas e ocupações de lazer. (Giddens 2005, p.38).

Também vamos encontrar em Tylor apud (LARAIA 2005) que a obtenção à perpetuação da cultura é um processo social e não biológico. Desde que o homem nasce é influenciado pelo meio social em que vive assim cada sociedade transmite às novas gerações o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados.

Complementa Giddens (2005) a cultura de uma sociedade compreende tanto aspecto tangível [...] como aspecto intangível. Ou seja, a cultura tangível ou material consiste em todo tipo de utensílios, ferramentas, instrumentos, máquinas etc., que são utilizados por um grupo social, enquanto que a cultura intangível ou

não material abrange todos os aspectos não materiais da sociedade, como regras, valores, religião, costumes, ideologia, crenças, artes e outros.

Ao buscarmos outros olhares sobre o entendimento de cultura, encontramos Silva (2010) que assim se refere: quando falamos em cultura não podemos esquecer-nos de entender o passado, já que a cultura vem embutida de perspectivas da memória e da história de um povo. Desta forma, chega-se a conclusão de que a cultura revela a história de um povo bem como ocorre com a cerâmica – arte do barro – por tratar-se de uma atividade milenar surgida com os seres humanos desde a descoberta do fogo até os dias atuais, passando pelas transformações que o mundo contemporâneo impõe.

Portanto, para falar especificamente sobre as ceramistas de Santana do São Francisco necessitamos de mais aprofundamento sobre os estudos da cerâmica o que nos direcionou a outros estudiosos como Dalglish (2008), que afirma ser a História da humanidade, contada pela história da cerâmica e que se pode conhecer as culturas já extintas, por meio de obras fabricadas em argila, por essas deixadas.

Das atividades que são extraídas do barro, o artesanato na cerâmica se destaca pela sua originalidade porque expressa a cultura e costumes de um determinado lugar. É nas mãos que a artesã conta sua vida cotidiana, seus momentos de alegrias, não havendo espaço para tristezas. A mulher ceramista é responsável na maioria das vezes em definir cor, brilho e movimento com suas criações riscadas no barro ainda fresco utilizando-se de materiais extraídos da natureza como palitos, cacos<sup>2</sup> de telha ou de vidro, para as mais tradicionais e outros materiais para as mais atualizadas.

---

<sup>2</sup> Cacos = pedaços pequenos.

Nesse contexto vemos o artesanato na cerâmica como uma criação dotada de valores que sintetizam emoções, históricas e sentimentos, resultando em produto quase com “alma” como explica Silva (2010).

Assim não podemos discordar de Joppert (2002) quando diz que o artesão é uma espécie de ecologista da cultura, porque preserva conhecimento dos materiais e das técnicas. É uma arte que pode ser realizada individual ou coletivamente além de uma tradição passada de pais para filhos independente do sexo.

Pode-se considerar artesanato toda a atividade manual que transforma matéria-prima natural em produto; sua execução pode ser em casa, dentro ou fora desta, em oficinas, centros e associações. Como material utilizado podem ser ferramentas tradicionais ou não, desde que não elimine a criatividade do seu criador.

Por não termos aproximação com a história do surgimento da cerâmica, nos instigou trabalhar a temática ao fazermos algumas leituras e descobriremos que a evolução do processo cerâmico deu-se quando o homem pré-histórico descobriu o fogo e observou que ele era capaz de endurecer o barro, possibilitando, novas descobertas.

Verificou-se também que no período neolítico, quando o homem deixa de ser nômade (sem habitação fixa) e passa a ser sedentário (habitação fixa), ele desenvolveu a técnica de polir a pedra, a invenção da agricultura, domesticação de animais, a arte de tecelagem, o cultivo de cereais e vendo a necessidade de guardar alimentos e outras utilidades (Marconi; Presotto 2009), as mulheres transformando o barro com as mãos, o preparavam recipientes para a conservação dos alimentos capazes de resistir ao calor e ao fogo.

Encontramos no transcorrer das nossas leituras que, sendo a cerâmica considerada como uma das primeiras indústrias, inicialmente mais simples e rústicas, evoluiu ao longo da história das civilizações. Em Dalglish (2008) encontramos a explicação:

Em função da abundância de matéria-prima e da facilidade em moldá-la, foram encontradas peças de barro em todos os continentes, com datações diferenciadas. É fato que técnicas usadas na fabricação, decoração e queima da cerâmica foram praticamente as mesmas no decorrer da história. (DALGLISH 2008, p. 21).

Entre os rios Tigres e Eufrates na Mesopotâmia em 5000 e 4000 a.C. se trabalhava a cerâmica inicialmente como peças arredondadas, figuras geométricas passando depois a desenvolverem figuras de animais e humanas (Penido; Costa 1999); Já os egípcios foram os primeiros a descobrir o forno, o torno e alguns esmaltes, utilizando peças de cerâmicas feita com argila do rio Nilo.

Na Grécia a cerâmica adquire um grande desenvolvimento artístico, os ceramistas gregos criaram cerâmicas de formas perfeitas e pinturas com temas decorativos, reproduziam a vida de homens e figuras mitológicas em vasos de cerâmica pintada (Forjado; Calage; Joppert 2002).

Na China a cerâmica é mais antiga devido a evolução dos fornos que favoreceram o cozimento das peças, proporcionando mais resistência e durabilidade e tanto a Coreia quanto o Japão tiveram forte influência da cultura chinesa (Forjado; Calage; Joppert 2002) para produzir cerâmicas funerária, enquanto que na Europa, se destacou pela descoberta da pasta de porcelana .

Dalglish (2008), reforça que algumas culturas passaram por todas as fases evolutivas do processo cerâmico; outras nunca ultrapassaram o primeiro estágio e seguiram produzindo uma cerâmica tosca, que, regra geral, teve nas

Américas suas primeiras formas copiadas de frutos secos de casca dura, como a cabeça e a castanha-do-pará. E Ribeiro (1972) declara que também muito copiou em seus vasos formas vegetais e de figura humana, como confirmação da utilização de origens antropomórficas<sup>3</sup> da cerâmica.

Na América Central especialmente no México, de acordo com Speight (apud Dalglish 2008) pontas de flechas de caçadores primitivos datadas de 10.000 a 7.000 a.C. foram encontradas o que possivelmente tenham pertencido aos caçadores quando deslocarem-se para a América do Sul, e tenham-se transformados em artesãos, ceramistas e escultores que contribuíram para a formação das culturas que floresceram mais tarde nas regiões Andinas do nosso continente, América do Sul.

Até a conquista do Peru pelos espanhóis (1533)<sup>4</sup> a história das culturas que desenvolveram a cerâmica foi se sucedendo. No entanto, por volta de 1800 e 900 a.C. os povos da América do Sul criaram grandes comunidades fortalecendo a base para as futuras sociedades urbanas com melhorias técnicas na agricultura, tecelagem, cerâmica, enquanto as cerâmicas encontradas no sul de Paracas no Peru eram tidas como muito sofisticadas pois a cerâmica deste período era bem feita, mas de forma simples e com pouca decoração e de formas geométricas Speight (apud Dalglish 2008)

Vamos encontrar em Lendas sobre a tradição da cerâmica nas Américas de Lévi-Strauss que:

Apenas as mulheres que tivessem herdado o direito de praticá-la de outras mulheres podiam fazê-lo. Um direito que costumava passar de mãe para filha, mas também podia ser herdado da irmã do pai, que por sua vez o tinha herdado de uma terceira, e assim por diante [...] (STRAUSS, 1986, p.42).

---

<sup>3</sup> Semelhante ao homem

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://cafehistoria.ning.com> > Acesso em 11/04/2012



No Brasil, tem-se conhecimento de que a cerâmica teve seus primórdios na Ilha de Marajó, pelos povos que habitavam a ilha[..] (Coll e Teberosky 1999), mas também existem estudos arqueológicos que indicam a presença de uma cerâmica mais simples, criada na região amazônica por volta de cinco mil anos atrás.

Embora se tenha na história que a tradição ceramistas chegou no Brasil com os portugueses ou na bagagem cultural dos escravos vamos encontrar informes de que os índios aborígenes firmaram a cultura do trabalho em barro quando Cabral aportou no Brasil. Conforme Prado Junior (1997) pequenas indústrias indispensáveis bem como outras que constituem especialidades locais, disseminam-se pela colônia. [...] para a fabricação de telhas – tijolos cozidos [...]. Acredita-se, que os colonizadores portugueses quando instalaram suas olarias, nada de novo trouxeram, apenas melhor estruturaram a produção e concentraram a mão-de-obra.

Para Barata (1952) só o que o índio modelou no barro e muito pouco do que esculpiu na pedra resistiu aos séculos e assim, embora fragmentada, é a cerâmica o foco principal para que os estudiosos logrem verificar a capacidade artística dessas coletividades desaparecidas.

Nota-se assim, a cerâmica popular nacional desenvolveu-se sob influencia de duas culturas, a primitiva (indígenas) que já trabalhava com o barro e a lusitana(portugueses). (Penido; Costa 1999) resultando na instalação das primeiras olarias.

Dessa forma, a cerâmica indígena brasileira é reconhecida como a mais antiga das Américas, destacam-se os povos indígenas que viviam as margens do rio Amazonas, onde se encontra a ilha de Marajó, a maior do delta do Amazonas, no Estado do Pará. A cerâmica Marajoara apresenta elementos típicos, como urnas

funerárias, figuras antropomórficas [...] nas cores vermelho e marrom sobre o branco e creme. (Penido; Costa 1999).



**Foto 1:** Urna Funerária

Fonte: < [http://www.marajoara.com/Linguagem\\_Iconografica\\_Diss\\_Completa.pdf](http://www.marajoara.com/Linguagem_Iconografica_Diss_Completa.pdf) > acesso 19/04/2012



**Foto 2:** Formas cerâmicas do Baixo São Francisco-Xingó

Fonte: Acervo da pesquisadora

Também vamos encontrar no Brasil tribos indígenas as margens do rio São Francisco em Xingó, como a Karajás em Goiás onde as índias produzem cerâmicas com características associadas à fertilidade, sendo comum “fazer bonecas com várias cabeças e caudas... (Costa, 1978); e também produzem deusas da fertilidade e que eram denominadas de “licocó”. Para o antropólogo Darcy Ribeiro (1986) são as mais belas representações da figura humanas alcançadas pelos índios do Brasil.

O processo da cerâmica nativa brasileira era produzido basicamente por mulheres ceramistas, verdadeiras artistas e de forma artesanal, são capazes de criar objetos com suas próprias mãos ou com ajuda de ferramentas simples como palito, esponjas, espátulas de metal e outros. Conforme Marconi; Presotto (2009) exige determinado tipo de argila, contendo minerais, como sílica, óxido de alumínio e ferro, e, às vezes, há necessidade de misturá-la com areia, calcário e até sangue, para obter boa liga. Visto que, a argila pode ser de várias cores: branca, cinza, ocre<sup>5</sup>, vermelha, preta etc., produzam variadas peças e queimam com troncos e galhos.

Encontramos também na obra de Lalada Dalglish, *As Noivas da Seca* (2008) um rico acervo de informações sobre a mulher ceramista do Vale do Jequitinhonha – MG, o que nos leva a acreditar que as mulheres ceramistas, verdadeiras artistas, expressam-se de variadas formas, de acordo com sua criatividade (Marconi; Presotto 2009), elas tiveram um papel grandioso quando se trata de reproduzir a partir do barro figuras que denotam a sensibilidade que só poderia ter minado de mãos femininas.

## 2.1- Trabalhando Artesanato e Cultura Popular

No campo da sociologia e antropologia vários conceitos sobre cultura surgiram por parte dos sociólogos e antropólogos como Marconi; Presotto (2009) diz que: a cultura tem significado amplo: engloba os modos comuns aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade.

---

<sup>5</sup> Variedade de argila colorida pelo óxido de ferro

Na visão de Silva (2010) a cultura manifesta-se como o conjunto de símbolos desenvolvidos por um grupo social em uma determinada época e lugar, construindo neste espaço de tempo, valores materiais, espirituais e teóricos.

Para Taylor (apud LARAIA 2005) a cultura significa um fenômeno natural que concentra causas e regularidades, consentido em um estudo objetivo e uma análise capaz de gerar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução.

De acordo com Kroeber (apud LARAIA 2005) o conceito de cultura pode ser relacionada: A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações [...] a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.

Ainda sobre cultura Levi-Strauss (apud LARAIA 5005) define cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana. O seu trabalho tem sido o de descobrir na estruturação dos domínios culturais – mito, arte, parentesco e linguagem – os princípios da mente que geram estas elaborações culturais.

Diante da diversidade de conceitos sobre cultura, Laraia ressalta que:

O tempo constitui um elemento importante na análise de uma cultura. [...] cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e inovadoras. [...] é necessário entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. (LARAIA 2005, p. 99 e 101).

O que torna atraente a cultura popular de um povo é o jeito de ser e fazer que está em sua tradição e identidade. Em meio à discursões sobre identidades culturais, Hall diz que:

“A identidade cultural é uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente”. (Hall 2006, p. 13).

Isto significa que o meio social esta sempre em constante mudança, contribui para a identidade cultural tornando-se diversificada, a partir dos contextos em que está inserido, ou seja, a identidade cultural pode ser em diferentes ocasiões e nos exige uma postura diante do mundo, como um exercício de cidadania(ALMEIDA 2010).

A cultura pode ser classificada em bens materiais ou bens tangíveis que consiste em coisas materiais fruto da criação humana e resultante de determinada tecnologia. Exemplos: machados de pedra, vasos de cerâmicas, alimentos etc.. (Marconi; Presotto 2009). Como também bens imateriais ou bens intangíveis refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não substancia material. Entre eles encontram-se crenças, conhecimentos, aptidões, hábitos, significados, normas, valores. (Marconi; Presotto 2009).

Em geral a cultura é dotada de valores históricos, culturais e artísticos que representam bens tangíveis e intangíveis, que segundo Giddens (apud HALL 2006) diz:

[...] nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contém e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. Giddens (apud HALL 2006, p.14-15).

Como a cultura é realizada em meio a um território com certas habilidades técnicas e da memória de um povo o artesanato é entendido com uma extensão da cultura popular. Conforme Bezerra (apud SILVA 2010) o artesanato possui uma ligação siamesa com a arte e sempre estão vinculados a uma rede [...].

Justifica-se a necessidade de ressaltarmos tantos estudiosos sobre a cultura tendo em vista que, cada sociedade possui a sua própria cultura; saberes popular que não estão relacionados no nível de escolaridade, mas são mantidos em meio a relação social, ou seja, está ligada a temas sociais em todas as sociedades – rurais ou urbanas, simples ou complexas- possuem cultura como bem explica(Marconi e Presotto 2009).

De acordo com o Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995, que regulariza o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), tem a finalidade de: coordenar e desenvolver atividades que visem valorizar o artesão, desenvolver o artesanato e a empresa artesanal. Nesse sentido, são desenvolvidas ações voltadas à geração de oportunidades de trabalho e renda, o aproveitamento das vocações regionais, a preservação das culturas locais, a formação de uma mentalidade empreendedora e a capacitação de artesãos para o mercado competitivo, promovendo a profissionalização e a comercialização dos produtos artesanais brasileiros<sup>6</sup>.

Desse modo, pensar no artesanato é inseri-lo no modo de vida de quem os produz, visto que a história da arte está intrinsicamente ligada ao artesanato. Como relata Paz (1991, p.51) feito com as mãos, o objeto artesanal conserve, real ou metaforicamente, as impressões digitais de quem o fez. Essas impressões são a assinatura do artista, não um nome, nem uma marca.

Sendo o artesanato uma atividade criativa e dinâmica faz-se necessário compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanece (Almeida 2007), visto que, este ofício sendo um patrimônio de um determinado território deve mante-se vivo.

---

<sup>6</sup> Disponível em:< <http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=4&menu=2046>>  
Acesso:25/05/2012

## 2.2- Patrimônio Cultural: bens Tangíveis e Intangíveis

[...] a arte na realidade não se aprende. Existe, é certo, dentro da arte, um elemento, o material, que é necessário pôr em ação, mover, para que a obra de arte se faça.

(Mario de Andrade 1938, p.11).

No intuito de compreender a manifestação sobre arte Marconi; Presotto descrevem:

A arte é uma das características universais da cultura. Acha-se presente em todos os agrupamentos humanos, mesmo os mais simples e isolados. Em todas as épocas e em todos os tempos, o homem empenhou-se na busca da beleza, usando sua imaginação criadora na expectativa de satisfazer a sua necessidade [...] e prazer não só ao artista produtor da obra de arte, mas também aos que observam e apreciam. (MARCONI E PRESOTTO 2009, P.195)

Assim a arte é uma manifestação de sentimentos, valores e conhecimentos [...], pois o artista, ao compor suas criações, desenvolve um estilo altamente formalizado, usando valores culturalmente determinados.(Marconi; Presotto 2009)

Na ótica do SEBRAE (2004) arte é: [...] um conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições, porém, incorporados a sua vida cotidiana.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o artesanato é considerado um bem material, um patrimônio. Bem como a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 216 define que: patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em

conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

A palavra Patrimônio vem do *Latim Patrimonium* em sentido original, na Roma antiga, referia-se a totalidade do que pertencia ao pai, *Pater Famílias*, pai de família. Portanto, *Patrimonium* significa tudo que poderia ser legado em herança, excetuando-se a família (Almeida 2010). Ele apresenta-se em bens culturais materiais ou tangíveis e bens imateriais ou bens intangíveis.

A definição de Patrimônio cultural no Brasil é recente, dotada por meio de fatos concretos ocorridos no mesmo período, do movimento político e literário chamado Modernismo 1922, o advento do Estado novo e a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), no período do governo de Getúlio Vargas, cujo objetivo era preservar o patrimônio, associando a idéia de nacionalidade, visto que, na fase inicial se dedicou aos bens imóveis que compunham o acervo barroco, especialmente o mineiro, apresentado nas construções religiosas. (MARTINS 2006)

Entende-se por patrimônio material ou tangível o bem cultural concreto já que pode ser visto e tocado. E de acordo com a Constituição Federal de 1988 no artigo 216, tais bens incluem: "I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico" <sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup>Disponível

em:<<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/busca?q=DO+ARTIGO+216+da+Constitui%C3%A7%C3%A3o+Federal&s=legislacao>> Acesso 25/05/2012



O patrimônio cultural material ou tangível pode “variar de objetos”, visto que um desses bens tangíveis é a arte cerâmica que pode ser um bem cultural concreto e tocável. Informa Almeida (2010) para que a cerâmica seja considerada patrimônio é necessário o tombamento para que possa se transformar num bem do patrimônio material[...]para tanto, os bens culturais materiais, geralmente, são os produtos mais representativos da cultura brasileira[...], assim justifica. (Almeida 2010)

De acordo com IPHAN tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público através do Decreto Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, nos níveis federal, estadual ou municipal e tem como objetivo preservar bens de valor histórico cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor para a população, impedindo a destruição ou descaracterização de tais bens. Pode ser aplicado aos bens móveis e imóveis, de interesse cultural ou ambiental<sup>8</sup>.

Encontramos em Dalglish (2008) a assertiva de que a produção da cerâmica o qual concordamos com a autora quando informa que o apoio de entidades ao artesanato e à cultura popular deve ser inserido de maneira que possibilite a continuação da atividade artesanal, promovendo o interesse das novas gerações por segmento artístico, da mesma forma que a cultura, a tradição é um processo de produção e reprodução da história de seu território.

De acordo com a UNESCO, o patrimônio cultural imaterial ou intangível:

“se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito a diversidade cultural e a criatividade humana” (UNESCO 2003, art. 2º).

---

<sup>8</sup> Disponível

em:<<http://portal.iphan.gov.br/portalç/montarPaginaSecao.do?id=10&sigla=Institucional&retorno=paginaInstitucional>> Acesso 25/05/2012

Em âmbito nacional o Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial, o mesmo está dividido em quatro livros: I livro de registro de saberes; II livro de registro das celebrações (rituais e festas); III livro registro das formas e expressões (manifestações artísticas em geral); IV livro de registro dos lugares (mercado, feira santuário, praça).

De acordo com esse decreto Santana do São Francisco/Se deveria estar inserida no livro de registro dos saberes, onde serão inscritos, os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano da comunidade.

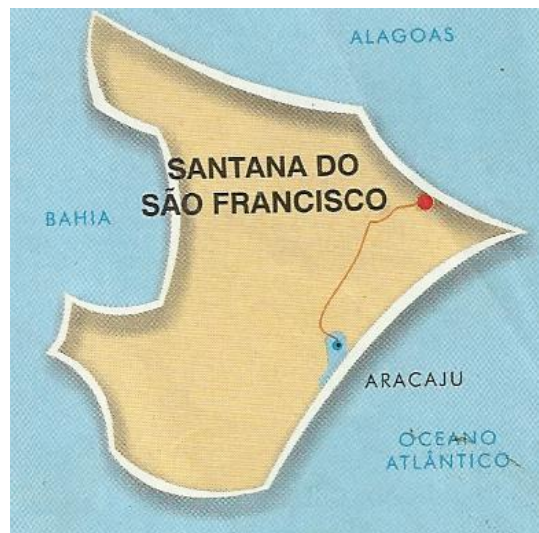
Acredita-se que por meio da preservação dos saberes milenares associados à arte da cerâmica, as artesãs [...] poderão continuar contando suas histórias para as próximas gerações. Histórias de barro e de vida. (Dalglish 2008).

Apesar das dificuldades presente na vida das ceramistas, elas demonstram um desejo de perpetuação desse ofício através das filhas que já não demonstram interesse em participar de tal atividade, devido a desvalorização desta arte na localidade, além das diversas tarefas exercidas por elas: cuidar dos filhos, da casa e marido, e ainda participar do processo de venda de suas peças cerâmicas.

A identidade do município de Santana do São Francisco está marcada pela produção da arte em cerâmica, sendo o referencial sociocultural da população do município, já que grande parte da população vive do artesanato cerâmico.

### 3.0– SANTANA DO SÃO FRANCISCO, SUA RIQUEZA VERMELHA E SUAS ETAPAS

Santana do São Francisco, município brasileiro, localizado no estado de Sergipe a 125 Km<sup>2</sup> da capital de Aracaju, localiza-se na micro região de Propriá, limitando com o município de Neópolis e o Estado de Alagoas e sua hidrografia é formada pela bacia do rio São Francisco, com uma população estimada em 7.168 habitantes de acordo com o censo de 2010 do IBGE<sup>9</sup>.



**Foto 3:** Cidade de Santana do São Francisco/SE  
Fonte: e-mail: municipio@cinform.com.br

Conforme Mendonça; Silva (2009): a chegada do imigrante português Pedro Gomes sua esposa e seu filho Belarmino Gomes que chegara na primeira metade do século XIX, localidade, ali demarcaram em terras transformadas em

---

<sup>9</sup>Disponível em:  
[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados\\_preliminares\\_amostra/default\\_resultados\\_preliminares\\_amostra.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares_amostra/default_resultados_preliminares_amostra.shtm) Acesso 13/04/2012

fazenda de gado, cultivo de arroz e de cana de açúcar, chamada Carrapicho<sup>10</sup>, devido as vastas terras, limitada pelo rio São Francisco, e recebeu essa denominação pela concentração de vegetação cujos pequenos frutos com espinhos ou pelos, aderem facilmente a vestimenta do homem, ou aos pés descalços na lavoura, conhecido como Carrapicho.

Posteriormente, as terras e lagoas passaram em sucessão aos herdeiros que assumiram as atividades exploratórias da lavoura. E o surgimento dos primeiros artefatos manuais com o barro, deu-se pela facilidade de trabalhar aquele tipo de solo bem como pela necessidade por parte da família dos empregados da fazenda, que a princípio criaram utensílios domésticos (potes, panelas, filtros etc.).



**Foto 4:** Fazenda Carrapicho  
Fonte: e-mail: municipio@cinform.com.br

Segundo os moradores mais antigos do local, a exploração do barreiro local de onde era retirada a matéria-prima para a fabricação de utensílios como

---

<sup>10</sup> Este capítulo toma como base, o livro Sergipe Panorâmico/ Universidade Tiradentes; Organização Jouberto Uchôa de Mendonça e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva. 2.ed. Aracaju: UNIT, 2009.

potes, porrões,oringas e pratos, constituiu-se no primeiro fator de desenvolvimento do povoado<sup>11</sup>.

Visto que a cerâmica ao se propagar na região, transformou-se logo em fonte produtiva do ponto de vista econômico. Além disso, com a maior utilização da cerâmica passou-se a produzir telhas e tijolos, contribuindo, assim para a construção de casa, o que favoreceu o crescimento da localidade<sup>12</sup>. Isto gerou o crescimento de emprego e renda tornando-se conhecida também como manifestação da cultura popular.

Na entrevista com o historiador Roberto B. da Cruz<sup>13</sup>, foi salientado que: o primeiro artesão foi José Carvalho Passos, empregado da fazenda e que contra a vontade de seus patrões, casou-se com uma das herdeiras, Joana da Silva Dias. Após conceber seu primogênito, José Carvalho Passos e com a dissolução de seu casamento, Joana da Silva Dias casou novamente com Antônio Mathias Barroso, união que resultou em outros filhos tornando a família mais antiga de carrapicho.

No que se refere à mudança do nome do povoado Carrapicho para Santana do São Francisco, foi sugerida pelo pároco de Neópolis (ao qual a povoação pertencia), em honra a Nossa Senhora Santana, o monsenhor José Moreno de Santana autor do Hino da padroeira, sugeriu a mudança do nome do povoado. Logo após, houve a construção da capela de Senhora Santana, pelo o senhor Messias Gomes, que por ter devoção a santa, participou ativamente na construção da capela e lá foi sepultado. Tendo como manifestação religiosa

---

<sup>11</sup> Sergipe Panorâmico/ Universidade Tiradentes; Organização Jouberto Uchôa de Mendonça e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva. 2.ed. Aracaju: UNIT, 2009,p. 505

<sup>12</sup> Sergipe Panorâmico/ Universidade Tiradentes; Organização Jouberto Uchôa de Mendonça e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva. 2.ed. Aracaju: UNIT,2009,. 505

<sup>13</sup> Historiador Graduado em História e Geografia especialização em Estudos Sociais, atualmente faz Pós-graduação em Metodologia da História e Geografia na UNIT-EAD/Neópolis.

tradicionais as festas: da padroeira todos os anos no mês de julho e a do Bom Jesus dos Navegantes em janeiro<sup>14</sup>.



**Foto 5:** Igreja Santana do São Francisco  
Fonte: cidades.com.br Acesso:08/05/2012

Vamos encontrar com Mendonça; Silva(2009) que em 1922, lideranças locais mobilizaram o povoado e encaminhou a Assembleia Legislativa um abaixo-assinado solicitando a emancipação política de Carrapicho, sendo posteriormente aprovada a Lei de nº 1742, de 6 de abril de 1964 que criou o município, no entanto, devido ao golpe militar acontecido neste mesmo ano houve a suspensão de direitos políticos e Carrapicho permaneceu na condição de povoado.

Todavia, com a reforma da Constituição de 1988, foi possível manter a lei que criou o município. E na eleição de 1992, foi eleito o primeiro prefeito, ficando a partir daí instituído o município de Santana do São Francisco, que atualmente tem dois povoados: Saúde e Brejo da Conceição.

Pela existência do barreiro na localidade, a cerâmica artesanal é vista na cidade ao longo das ruas e becos podendo ser encontrada sempre nas portas

<sup>14</sup> Sergipe Panorâmico/ Universidade Tiradentes; Organização Jouberto Uchôa de Mendonça e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva. 2.ed. Aracaju: UNIT, 2009,p 506.

abertas onde se desenvolvem trabalhos em cerâmica “Utilitária e Figurativa” (Marconi; Presotto 2009). A cerâmica utilitária destaca-se pelas peças como jarros,oringas e potes de variados modelos tem larga aceitação no Nordeste. Já a cerâmica figurativa ou miniatura desenvolvida basicamente pelas mulheres e os objetos estão ligados estreitamente à vida doméstica local, como boi, cavalos, bonecos, mesas, cadeiras, imagens entre outros.



**Foto 6:** Mulher ceramista

Fonte: <<http://pt.scribd.com/doc/55756813/SERGIPE-CULTURA-E-DIVERSIDADE-conhecer-reconhecer-e-valorizar>> Acesso 03/05/2012

Retomando a fala do historiador Roberto B. da Cruz informa que: dentre as mulheres artesãs as primeiras foram: Leonília Honorato, que trabalhava na sala de sua casa com sua irmã e pintava figurinhas de barro para vender na feira de Penedo e Maria Feliciano de Jesus sentada no chão de sua casa esculpia sua arte e quando alguém perguntava a ela como aprendeu ela dizia: “só Deus me ensinou”. Além de Maria do Carmo, Maria Lira Santos e outras<sup>15</sup>.

Elas faziam suas peças, e vendiam nas feiras de Penedo ou debaixo das mangueiras na Passagem (povoado onde fica uma fabrica de tecido), porém hoje

<sup>15</sup> CRUZ, Roberto B. Santana do São Francisco. Entrevista concedida a pesquisadora no dia 20 de abril de 2012.

não é tão visível esta prática visto que apenas uma das entrevistadas como afirma C.B. “eu vendia na feira da passagem, mais não tem mais não, então eu vou pra feira de Japoatã”.

Com o desenvolvimento das olarias e das cerâmicas na cidade, o governo do Estado em 1997, implantou a Cooperativa Artesanal de Santana do São Francisco visando incentivar e dinamizar a fabricação de artefatos de cerâmica. Entretanto estes objetivos não se concretizaram e a experiência cooperativista fracassou em decorrência do descredito dos associados, como informou o senhor Roberto. (Informação verbal).

Outro incentivo foi uma carta de qualidade que a UNESCO com o apoio do SEBRAE em 2005, reconhece a qualidade da cerâmica e promoveram eventos, capacitações para os artesãos e feiras culturais, além de orientar na criação da associação dos artesãos, porém por divergências políticas os artesãos se afastassem, levando-a ao definhamento(Silva 2010) e isto é uma realidade que permanece até hoje, embora o artesanato seja a mais importante produtividade do município.

Nas palavras do artesão entrevistado senhor Edilson: “um dos direitos conquistados para o artesanato santanense foi a carteirinha do artesão, que só teve direito de tê-la aquele que provou aos representantes da Secretária do Trabalho, subindo no torno no caso dos homens para fazer algumas peças e no caso das mulheres elas fazem na hora com as mãos, para provar que é artesãs”.

A entrevistada B.M. informa “eu fiz o sapo na hora na frente dos representantes do governo, eu provei que sou artesã e tenho minha carteirinha”. Isto possibilitou o deslocamento das mercadorias de forma segura, sem risco de serem impedidas de circular pelos outros estados.



Note-se que o município de Santana do São Francisco vem lutando embora devagar, conseguiu um local, ou seja, um centro de comercialização do Artesanato que fica na entrada da cidade e que possibilita meios para sustentabilidade dos artesãos na comercialização do artesanato que ali se encontram. Porém, não atingiu a todos, pois o centro só comporta sessenta artesãos por falta de uma melhor estrutura e de uma representação legalizada<sup>16</sup>.

Esclarecemos que o artesanato é um produto feito por quase todos os habitantes do município, dentre eles estão as mulheres que desde criança a partir dos sete anos aprenderam a arte da cerâmica manualmente como uma forma de aumentar a sua renda familiar.

A tradição ceramista Santanense é realizada em quase todas as casas, pois os artesãos produzem pequenas peças de decoração, que ficam expostos nas janelas e nas calçadas, como nos conta a entrevistada M.R. “assim é mais fácil vende porque o povo passa e ver e eu tô em casa, basta chamar”, o que concordamos com a artesã por se uma característica visível tem quase todo o município santanense.



**Foto 7:** Peças exposta para venda  
Fonte: acervo da pesquisadora

---

<sup>16</sup>Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/55756813/SERGIPE-CULTURA-E-DIVERSIDADE-conhecer-reconhecer-e-valorizar> Acesso 03/05/2012

As técnicas e saberes que as ceramistas exercem, são as mesmas aprendidas da mesma maneira que viviam seus antepassados como relata a entrevistada C.B. “aprendi a fazer com minha mãe e minha mãe aprendeu com a tia dela”. Isto favoreceu condições de criar invenções que contribuíram para a sobrevivência através do barro.

Argila molhada é utilizada por todos os artesãos e artesãs proveniente de um barreiro, que é de propriedade particular de famílias tradicionais como, do senhor Gilson Guimarães Barroso e depois do senhor Ernandes Reinaldo Silva, até hoje.

Segundo Silva:

“Esse local era utilizado para o plantio de arroz pela população como meio de sobrevivência no início da povoação da cidade. Sempre no inverno, era um transtorno, sua localização próxima ao Rio São Francisco, causava fácil alagamento, limitando a extração da argila somente nos meses de outubro a dezembro. Era muito comum na época, o artesão contratar pessoas para realizar a atividade de extração do barro”. Silva (2010, p.65).

Ainda de acordo com o autor citado acima a retirada do barro, passa por uma preparação no barreiro antes de chegar aos artesãos e artesãs da seguinte forma:

“Eles costumam forrar o chão onde o barro será pisado com uma camada de areia, evitando que o mesmo venha aderir ao barro de baixo. Em posse da enxada, foice e ripas de madeira, os aprontadores em uma cadência de movimentos circulares, associados aos movimentos alternados dos pés, golpeiam a argila a fim de quebra-la em pedaços cada vez menores, buscando a homogeneização da massa, transformando-a em uma pasta macia e pegajosa, pronta para o uso”. (SILVA 2010, p.65)



**Foto 8:** Aprontadores preparando o barro  
Fonte: acervo da pesquisadora

A princípio as pisas como são chamado pelos artesãos as bolas de barro, eram transportadas pelas mulheres em balaios na cabeça como afirmam as entrevistadas:

“De primeiro nois cavava no rio depois o senhor Gilson Barroso deu a lagoa pra gente pegar o barro. Eu ia até o barreo, trazia pra casa na cabeça, batia o barro e fazia as mias peças.(C. B.)

“nois impeleitava o barro pra tirar da boca do barreiro que ficava na bera do rio depois passou pra tirar da lagoa, e eu ia buscar o barro num cestinho e trazia na cabeça pra casa.(C.P.)



**Foto 9:** As mulheres transportando o barro em cestos  
Fonte: Acervo de Roberto Batista Cruz –Historiado

Logo depois o transporte do barro deixou de ser em cesto e passou a ser transportado pelo lombo do burro, carroça e hoje até por caçamba para as olarias (produção de telhas e tijolos), visto que a uma estrada para o acesso ao barreiro. CRUZ, Roberto Batista<sup>17</sup>.



**Foto 10:** Transporte das Pisas em Carroça  
Fonte: Acervo da Pesquisadora

Porém, não é qualquer barro que é utilizado para a modelagem das peças, pois a composição é diversificada e sua coloração vai depender da quantidade de óxidos nela e que pode ser de vários tipos: Caulim, Argila de Bola, Bentonita, Argila Refratária e Terracota (mais conhecida como cerâmica vermelha). (Rubens 1982).

Esse tipo de argila é encontrado em grandes depósitos no mundo todo e é comumente usada para confecção de tijolos telhas, vaso de plantas e objetos utilitários. Segundo os artesãos o barro de Santana do São Francisco, é usado da maneira como é encontrada, por ser muito plástica, porém precisa tirar algumas impurezas como afirmou uma das entrevistada:

---

<sup>17</sup> CRUZ, Roberto B. Santana do São Francisco. Entrevista concedida a pesquisadora no dia 20 de abril de 2012.

“Quando chega o barro, agente espalha na parede ou no chão pra secar um pouco depois tira os caroços, pedras ou raiz que vem no barro, pra puder o barro ficar limpo e nois amasiar pra depois começa a trabalha”.(C.M.)



**Foto 11:** Barro espalhado na parede para secar  
Fonte: Acervo da Pesquisadora

Segundo as entrevistadas, fica evidente que depois do barro pronto inicia a modelagem utilizando as mãos e equipamentos improvisados de uso doméstico como: tampa de creme dental, palito de dente, faca, plástico, caneca e outros como pode ser visto nas peças e fala das artesãs:

“quando fica pronto agente modela, tem o polimento pra ficar liso eu uso uma caneca ou prastico, não é fazer e bota logo no fogo não, depois bota no sol pra seca, pra inxugar sinão fica mole e quando é no inverno agente bota na beira do forno pra secar porque não tem sol ai depois que seca bota no forno pra queimar”. (C.M.)



**Foto 12:** materiais utilizados para modelagem  
Fonte: acervo da pesquisadora



**Foto 13:** Peças para secar um pouco no sol  
Fonte: acervo da pesquisadora



O processo da queimada é mais uma etapa para se obter o resultado esperado. Os métodos usados na construção de fornos às técnicas da queima da cerâmica são, praticamente, os mesmos usados em todas as partes do mundo<sup>18</sup>.

Apesar de a tecnologia proporcionar o uso de fornos elétricos por serem mais econômicos, limpos e inodoros, que possibilita a não agressão à natureza, as mulheres artesãs preferem fornos a lenha, pois se usar outro material como caco de coco algumas peças saem com manchas escuras nos esclareceu uma das mulheres deixando-nos entender que desta queima em forno a lenha depende a qualidade das peças não sendo obtidas por nenhum outro processo.

Este processo de queima envolve custos e experiência, é muito importante e delicado, pois os fornos têm formato redondo e retangular e passa por etapas fundamentais como: a montagem das peças no forno permitindo a circulação das chamas por meio da oxidação, pois favorece cores limpas e fortes sem nenhuma mancha de fumaça e a queimada propriamente dita, que leva em média de seis a dez horas, dependendo do tamanho do forno e da quantidade das peças e da arrumação.

“o forno tem que ficar bem cheio pra ter uma boa queima. Quando uma peça tá encostada na outra eu pego um pedacinho de caco de cerâmica e ponho entremeio ali pra não fica encostando uma na outra, se ela fica muito grudada na outra, ela fica com um mancha preta. depois cobre o forno com cacos da cerâmica pra ajudar a ter o calor do forno e quando muda de cor agente sabe a hora de terminar a queima e vai diminuindo aos pouco a lenha. Depois de queimado antes de pintar molha as peças pra não fazer bolhas e só depois é que pinta pra vender. (J.S.)

---

<sup>18</sup> Dalgligh, Lalada. Noivas da seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha- 2ed. – São Paulo, 2008 p. 49.



**Foto 13:** Forno  
Fonte: Acervo da pesquisadora

Após a queimada é feito o último processo que é a pintura, apesar de algumas peças serem vendidas na cor natural, hoje é tudo muito pintado (Mendonça; Silva, 2009). Elas preferem pintar com bastantes cores, visto que atualmente esta tarefa está voltada totalmente para as mulheres, porém antes das peças serem pintadas a artesã nos conta que elas(as peças) deve ser molhadas para não formar bolhas quando pintar com a tinta, para depois serem vendidas.

Abaixo apresentamos algumas fotos com a artesã concluindo seu acabamento(foto 14) e a exposição de peças já pronta à venda(foto15).



**Foto 14:** Ceramista pintando as peças  
Fonte: acervo da pesquisadora



**Foto 15:** Peças pintadas para a venda  
Fonte: acervo da pesquisadora

Mesmo com os depoimentos aqui apresentados e adicionados as pesquisas de autores e documentos, buscou-se conhecer mais sobre a cerâmica santanense e qual a importância desta para as mulheres que descendentes de gerações anteriores, não tiveram a oportunidade de concluíram seus estudos, casaram, tiveram filhos e continuam residindo em Santana do São Francisco; como vivenciaram uma evolução política do seu município, mas não a econômica e por que resistem tanto a não se moldarem às transformações da contemporaneidade.

Desconhecem estas mulheres que suas resistências ao novo, em permanecer com o tradicional, o conservador, podem estar contribuindo à perpetuação de uma atividade que, se transpuser os limites geográficos do seu município tenderá a ser reconhecido nacionalmente como patrimônio cultural.

### 3.1- A Importância da Cerâmica para as Mulheres Santanense

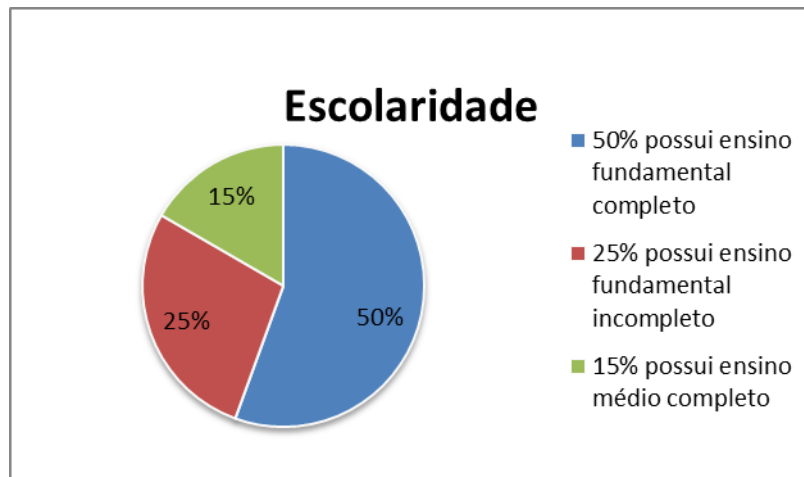
A cerâmica para as mulheres é vista como forma de autonomia financeira, como dom, terapia e até distração, como se expressa a ceramista: “só penso no serviço, acabo esquecendo os problemas da minha vida que são muitos”. Durante as entrevistas foi comum ouvirmos de algumas delas que quando elas modelam sentem-se realizadas, uma verdadeira artesã:

“Quando a gente vê os outros o que eles fazem, agente passa a fazer também não aquilo que eles fazem, mas outras coisas, agente já se considera sim, eu digo agente porque não somente eu mais um monte de mulher que realmente pega o bolo de barro e aquilo que ela tem na mente a fazer e faz com perfeição”.(M.S.)

“na hora fico tão intertida nos meus bichos que queimo a panela aí quando eu sinto é o fedor de queimado” (C.B.)



Também elas agradecem a cerâmica pelas conquistas que tiveram como: casa, móveis e até filhos na Universidade “graças a Deus agente tem uma cazia e mias fias estudando, já que naquele tempo só tinha o ABC ou era só até a 5ª série”.(M.R.). Quando perguntamos sobre o grau de escolaridade obtivemos as seguintes respostas, apresentadas no gráfico abaixo:

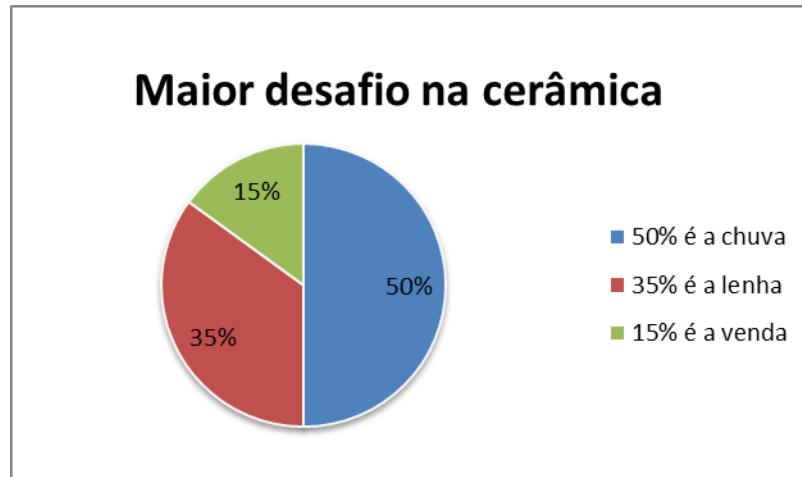


Fica evidente que o baixo nível de escolaridade das artesãs se dá em consequência de terem renunciado a continuar a vida escolar em função da família e da cerâmica, que exige muito do seu tempo.

Vários são os desafios que as artesãs enfrentam na produção da cerâmica como: a chuva que não favorece o endurecimento e a secagem das peças, centros comercialização para as artesãs venderem sua produção e a lenha que está difícil de ser encontrada devido o desmatamento irregular, logo elas afirmaram:

“a maior dificuldade é a chuva, o inverno ou então quando as lagoas enche de água ai a gente fica aperrido sem ter o barro pra tabaiar”.(C.M)  
 “devia ter outros espaços como um centro aqui no município para outras artesãs ter um lugar pra tabaiar e vender suas coisas e ganhar o pão de cada dia”(C.P.)  
 “porque pra quem corta é o carroceiro, ele trás pra nois, mais está sendo muito dificio e muito longe e termina entrando em local que não deve”.  
 (M.S.)

Ao questionarmos sobre os desafios que atualmente elas enfrentam deram como destaque: a chuva, a escassez da lenha e a dificuldade da venda transcrito no gráfico a seguir:



É válido salientar que a chuva é um fenômeno da natureza que não se controla, no entanto é necessário que haja uma efetivação das políticas voltadas para o artesanato, que vise assegurar os artesãos e artesãs os meios de produção.

Destacam outros fatores que não favorece o desenvolvimento social e econômico do município como: a venda de produtos para os atravessadores, falta de incentivo pelas autoridades competentes e pela concorrência entre os próprios artesão. Com relação aos atravessadores, informaram elas que, por eles possuírem o dinheiro, compram a elas as peças pelo valor mínimo, além de serem os compradores fieis que estão presente na cidade como um benfeitor. Observem a fala transcrita da entrevistada:

“os atravessadores sai ganhado quem não ganha é a gente, a vantagem deles é que eles vem certinho toda semana eles tão lá e se a gente não tiver como vender perde, e ai a gente somos dependente deles, agente dá graças a Deus quando eles tão chegando, porque os turistas só vem poucas veis e tem muita gente que não sabe que isso existe aqui né”. (I. S.)

Ao entrevistarmos o historiador Roberto, ele nos contou que os atravessadores chegam com transporte e capital e pelas dificuldades que passam os artesãos e artesãs se submetem a oferta que eles propõe. Porém para a venda do artesanato o atravessador se faz necessário, é peça importante, pois o produto não sairia desta localidade, nem seria conhecido em outros Estados, o que tem que mudar é a maneira que se vende que não é legal<sup>19</sup>.

Isto comprova a ausência e efetivação de políticas como o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB): [...] manejo da matéria-prima (natural e reciclada), produção, design, embalagens, elaboração de preço, divulgação e comercialização. Outro nicho de atuação é a área de acesso a mercados, através da ampliação dos canais de comercialização dos produtos artesanais, o que gera novas oportunidades de trabalho e aumento de renda<sup>20</sup>. Visto que o PAB não está sendo efetivado, é perceptível a falta de gestão que atuem no artesanato santanense, reforçando a atuação dos atravessadores.

Outra questão foi levantada durante as entrevistas e que as artesãs consideram um grande problema é a concorrência entre os próprios artesãos e artesãs, visto que eles produzem e eles mesmos vendem aos compradores que ali aparecem e para não ficar sem vender eles mesmos desvalorizam seus produtos rebaixam o preço. Isto leva uma insatisfação aos demais que chegam a argumentam:

“Precisava ter uma combinação de preço pra gente que não tem isso derruba muito a gente, se agente bota a peça de um valor outro bota de menos, ai atrapalha muito a venda por exemplo eu pego uma peça e vendo de R\$ 20,00, o outro bota de R\$ 18,00 ai quem vê a de R\$18,00 não vai comprar a de R\$ 20,00 reais” (I.S.)

---

<sup>19</sup> Roberto Batista Cruz, entrevista concedida a pesquisadora no dia 20 de abril de 2012

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.portaldoartesanato.pe.gov.br/noticiasDetalhe.php?codigo=12> > Acesso 01/05/2012

Também a falta de incentivo de políticas para o artesanato por parte do município, favorece os artesão em geral a não se organizarem, embora já tenha sido tentando estruturar os artesão santanense mas fracassou diz o entrevistado Roberto:

“A maior dificuldade hoje para todos os artesão e artesãs de Santana é se organizarem, porque é uma fonte de renda, mas essa falta de interesse de organização é que dificulta o crescimento, por isso devemos falar numa mesma voz. A cerâmica precisa ser padronizada para alcançar o selo de qualidade e ter sua própria referência”.(R. B. C).

Algumas artesãs chegam a informar que o melhor para elas seria um local onde pudesse viabilizar a venda dos produtos das ceramistas seria a criação de associação ou cooperativa, desta forma iria proporcionar um destaque econômico e cultural para o desenvolvimento da cerâmica santanense. Porém tentativas foram feitas neste sentido mas sempre fracassou, ainda acrescenta que:

“A cidade nasceu do artesanato, o artesão prevalece, mas nenhum governante que passou por aqui teve a preocupação. Porque não existe sindicato, cooperativa e nem associação dos artesãos todos os governantes que chega faz projeto, o SEBRAE<sup>21</sup> também, mas nada vai a frente”.(J.S.)

Segundo as falas das entrevistadas o SEBRAE tentou trabalhar com os artesãos, mas não continuou devido a desunião entre eles. Embora as tentativas de programa de desenvolvimento ainda não tenha sido possível, as mulheres se dedicam a modelagem das peças manual, sem perderem a alegria, procurando viver o seu dia a dia os saberes tradicionais.

---

<sup>21</sup> Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

### 3.2- O Cotidiano da Mulher Ceramista

O artesanato por ser uma atividade que não exige uma formação específica, pode ser desenvolvida simultaneamente com as atividades doméstica, sendo uma das formas encontradas pelas mulheres santanenses como uma oportunidade de fonte de renda, que pode ser realizado em sua própria casa, como afirmaram algumas das entrevistadas, ao questionarmos sobre como fazem para conciliar casa (família) e trabalho (cerâmica) e destes ouvimos as afirmativas abaixo:

“tabaiva pelo dia na roça e cuidado dos meos fios e quando era di noite pegava um bolão de barro fumando cachimbo que até caía da boca e ia até meia noite fazendo meos bichios” (C.B.)

“de manhanzinha me acordava, cuidava logo doa afazeres da casa. E condo era assim depois de uma hora ai eu começava, e como sempre eu trabalhava rápido dava tempo fazer na semana, um cento de coisas”(M.R.)

Fica evidente nas falas das entrevistadas que elas realizam atividades domésticas, cuidam dos filhos, netos e marido e fazer cerâmica tornou-se natural e possível conciliar as atividades durante todo o dia, reforçando que a mulher tem dupla jornada de trabalho.

Para as entrevistadas a atividade de produzir suas peças é cansativa, mas ao mesmo tempo prazeroso e indispensável na vida delas como afirmam:

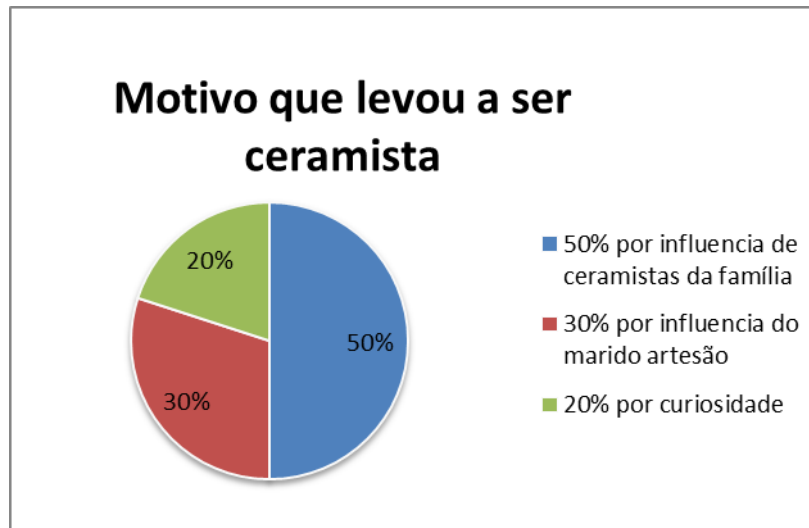
“ave Maria me sinto muito bem adoro tabai com o barro”(C.P)

“eu mim sinto feliz, todo tempo ruim passa”(I.S.)

“me sinto feliz porque é uma identidade, ser artesã e quando alguém pergunta qual a sua profissão eu digo sou artesã”(J.S.)

“mim sinto muito bem, só penso no serviço que faço, acabo esquecendo os problemas da minha vida que são muitos”(C.M.)

Ainda continuando com nossas análises, ao indagarmos a respeito de como a cerâmica surgiu na vida delas, as respostas foram assim classificadas:



Percebe-se que o surgimento da cerâmica ocorre de maneira normal para elas na maioria das vezes na infância, onde a filha aprendeu com a mãe, que aprendeu com a avó e assim por diante, através da transmissão oral da arte da cerâmica.

É perceptível a presença masculina em quase toda a cerâmica santanense, porém não impediu dessas artesãs entre resistência e dependências conquistarem seu espaço mesmo que seja em pequeno número no município, elas “recriam símbolos que projetam seu mundo pessoal e seu estilo de vida contemporâneo”<sup>22</sup>.

Outra questão é o fazer/saber presente na divisão social do trabalho, visto que há uma separação do fazer mulher e homem como disse um dos artesãos entrevistado:

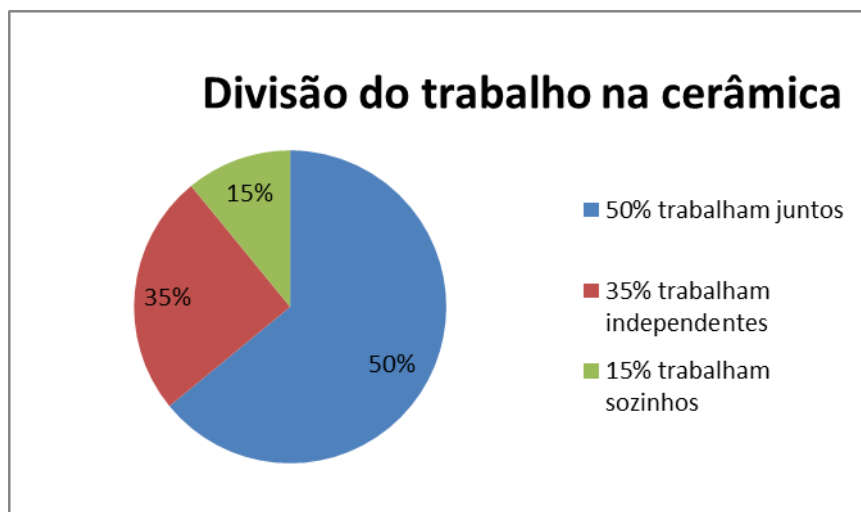
“é assim, agente que fais nu torno se for fazer na mão eu não faço e se ela for fazer no torno também não consegue”. (O.S)

<sup>22</sup>Dalglis, Lalada. Noivas da seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha- 2ed. – São Paulo, 2008, p.73.

Porém tem ceramista que trabalha em conjunto com seu marido dividindo as tarefas e as responsabilidades da família. Como diz o esposo de uma delas:

“As mulheres fazendo cerâmica é um incentivo a mais né, a mulher tá fazendo parte cada dia mais da sociedade, minha mulher trabalhando aqui comigo pra mim é bom, principalmente porque trabalhamos juntos”. (F.M)

Ao perguntarmos aos artesãos sobre a divisão no trabalho cerâmico com as artesãs eles dizem que metade trabalham juntos e o restante fica dividido em trabalho independente (por conta própria) ou sozinho (sem as mulheres) :



Falar da cultura popular das ceramistas de Santana do São Francisco é relatar suas condições de vida inseridas na produção de suas peças, percebendo como elas vivem, como trabalham, o que produzem e a quem vender sua produção, daí percebemos a necessidade de relatarmos sobre o seu cotidiano.

### 3.3- A Vida em meio a Cerâmica

Assim que o sol começa a despontar refletindo seus primeiros raios as margens do rio São Francisco, dona C.P. acorda cedo como outras mulheres Santanense que fazem parte desse ofício, toma banho, prepara o café e toma junto com seus filhos que agora são homens e sua companhia; cuida da casa, prepara a comida para depois iniciar a atividade com o barro com mais tranquilidade, pois sabe que sua jornada não tem horas estabelecidas para concluir.

Mulher que possui ainda coragem e disposição apesar de não ter mais forças nas mãos calejadas e enrugadas com problemas de reumatismo proveniente do labor com o barro, com pouca visão, e também pela idade, mas enfrenta as lutas diárias, sobretudo na confecção da cerâmica que inicia-se pelo amacia do barro em sua própria casa, manuseando uma pequena quantidade deste nas mãos como se fosse um torno, aos pouco ganha forma, se transforma em uma peça de arte, que lhe proporciona satisfação e orgulho, além de sua produção servir de fonte de renda familiar.

A arte do barro é uma fonte de inspiração para a ceramista, por isso quando pega no barro se pergunta: o que vou fazer? E logo vem a sua imaginação, pega as suas simples ferramentas de trabalho do seu cotidiano que são palitos, esponja e um copo com água. Está técnica apreendida quando criança com sua mãe o que permite C.P. produzir peças maiores como imagens e que é feito em duas etapas, pois o peso das peças não permite fixar a imagem por inteira é preciso dar um tempo para secar um pouco as partes e só depois montar.



Após terminar o trabalho com a cerâmica retorna aos afazeres da casa: lavar louça, roupas, passar a vassoura na casa e assim segue os dias, enquanto as peças modeladas endurece um pouco no sol, só depois devem ser queimadas. A fumaça preta provocada pela combustão da lenha ao longe é um despertar de que tem para a venda as peças cerâmicas.

No dia seguinte as pessoas passam pela rua onde estão expostas as cerâmicas trabalhadas e acabam levando peças em forma de galinha, de cachorro, de um santo, ou outro objeto que se encomendar, e assim passam-se seus dias.

Como esta ceramista que é filha, mãe, esposa, dona de casa e ceramista outras ajudaram a construir a cultura da cerâmica em Santana do São Francisco, que apesar da desvalorização deste ofício sentem-se feliz e se tirassem a cerâmica de suas vidas não resistiriam, pois amam trabalhar com o barro.

As ceramistas têm demonstrado mais interesse pela comercialização do que a preservação de memórias das quais elas estão inseridas. É comum ouvir das artesãs que a parte mais difícil é a venda.

A senhora C.B. de 85 anos é uma das mais antigas artesãs e como tantas outras aprenderam com sua mãe o ofício, aos 12 anos já saía para vender em cestos e tinha como condução seus próprios pés. Foi com esse trabalho que conseguia comprar roupas e calçados, além de ajudar a mãe nas despesas da casa.

Casou, teve 4 filhos, apenas um deles aprendeu a trabalhar com a cerâmica. Vendia inicialmente sua produção na feira da vila operária da passagem, não durou muito tempo e passou a vender em Penedo/AL onde a feira continua sendo a maior da região, porém tinha que atravessar o rio São Francisco de lancha e com muito medo, pois até hoje não existe ponte ligando os Estados de Sergipe a Alagoas nesta localidade.

. Hoje nossa entrevistada está aposentada, mas continua fazendo pés, mãos, cabeça e outros membros do corpo em cerâmica, utilizado para pagamento de promessas, pois muita gente procura. Além dos boizinhos, informa que apesar de não ter mais as mãos firmes, continua fazendo uns dez(10) bichinhos por dia, depois queima no forno do vizinho, pinta e vai vender na feira de Aquidabã todas as segundas-feiras, só faltas quando adocece.

Ainda tem forças para subir na cabine do caminhão e quando chega à feira fica em uma porta de uma loja o dia inteiro sentada, visto que é o seu ponto de venda, assim tem um complemento de sua aposentadoria, e principalmente é feliz, gosta de trabalhar com o barro, sente-se bem e pensa de vez em quando: o que seria da minha vida sem o barro? O negocio é ter coragem e fé que enfrenta tudo.

A nossa artesã que aos 85 anos ainda enfrenta uma subida na cabine de caminhão é a única do grupo das mulheres entrevistadas que vende até hoje sua produção sem a interferência dos atravessadores.

Para estas ceramistas, como disse o artesão Claudio Bento apud Silva (2010) “ o barro é cada canção dessa gente que sonha com o coração”

## 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações colhidas durante a pesquisa de campo e bibliográficas nos fez perceber que a tradição da cerâmica feita manualmente pelas mulheres ceramistas em Santana do São Francisco/SE, permanece obedecendo as formas utilizadas por suas antecessoras, ou seja, a cerâmica e a vida destas mulheres não se separam do seu cotidiano tornando-se de fundamental importância para a memória e a identidade cultural do município.

A ligação familiar com a cerâmica hoje encontra-se restrita; aos jovens são dadas novas alternativas dificultando assim a perpetuação desta atividade, visto que a preservação do patrimônio intangível do saber/fazer cerâmico se constrói com a convivência.

Ainda foi-nos possível observar que o fazer cerâmico tradicional para um grupo de mulheres continua presente, tendo em vista a existência de uma harmonia da produção artesanal com o cotidiano destas ceramistas. Apesar dos desafios do mundo globalizado, elas conseguem preservar valores e continuam a exercer este ofício, o que veio refutar algumas indagações iniciais, pois acreditávamos não ser possível conciliar a atividade de ceramista com a vida pessoal.

A convivência com as entrevistadas permitiu verificarmos que a inserção de novos materiais bem como a tecnologia facilitaria a produção e comercialização das peças cerâmicas, porém este fato não tem interferido na vida das artesãs que não aderiram à evolução, preferindo continuar com o fazer tradicional. Para elas um dos grandes desafios seria que a geração de filhos e netos continuasse a tradição, fato que não se observou na localidade. O que pudemos perceber é que dentre cinco

filhos, apenas um permanece como artífice da cerâmica os demais buscam outros horizontes, como frequentar uma universidade, se inserir no mercado de trabalho, pois criou-se em seu imaginário que fazer peças de cerâmicas não é profissão lucrativa.

Outro aspecto observado é que artesãos e artesãs não contestam a ausência de uma política voltada para o desenvolvimento do artesanato; não há interesse por parte do gestor local em fomentar a criação de cooperativas ou associações alavancando assim, o potencial cultural do município e o turismo.

Da mesma forma percebemos que os artesãos ainda não atingiram o trabalho coletivo e isto só vem reforçar o desinteresse das autoridades locais em buscar alternativas de desenvolvimento cultural para o município. Fica claro que os artesãos embora reclamem da existência do atravessador na comercialização dos seus produtos, não foi sinalizado em momento algum o desejo de união entre eles para formação de cooperativas ou similares o que vem indicar que se perpetua um individualismo arraigado entre os artesãos da cerâmica, o que dificulta a propagação e comercialização da cerâmica como também seria mais um incentivo para o turismo na localidade alavancando em futuro próximo o nome de Santana do São Francisco no cenário cultural.

Entendemos que a riqueza dos artefatos de cerâmica juntamente com a história de vida destas ceramistas senão documentadas, tenderão a não se perpetuar, fazendo-se urgente a tomada de atitudes por parte de leitores e pesquisadores, além de autoridades locais, necessitando apenas que sejam alertados para o valor que tem nas mãos.

Portanto, para nós do Serviço social e pesquisadora iniciante, vemos a pesquisa como importante pelos conhecimentos adquiridos e pela necessidade de

dá-se continuidade, buscando meios de inserir a história das ceramistas de Santana do São Francisco, nas atividades culturais onde possam autoridades e estudiosos serem alertados sobre a vida destes trabalhadores que através do barro narram suas histórias de vida.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Luciene Dias de. **Cultura, números e políticas públicas no Brasil: breve reflexão sobre questões atuais**. Luciene Dias de Azevedo. – Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2009.

ALMEIDA, Fernanda Cordeiro de. **Patrimônio cultural** / Fernanda Cordeiro de Almeida. – Aracaju : UNIT, 2010.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais** / Rubem Santos Leão de Aquino, Denize de Azevedo Franco, Oscar Guilherme Pahl Campos Lopes. – Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1980.

BARATA, Frederico – Arqueologia – In: **As artes plásticas no Brasil** – Rio de Janeiro – Tecnoprinte, 1952.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo arte** / Cesar Coll, Ana Teberosky. – 1. ed. – São Paulo: Editora Ática de São Paulo, 2004.

Canclini, N. G. Culturas **Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**/Néstor García Canclini; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. – 4. Ed. 3. Reimpo. – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

DALGLISH, Lalada. **Noivas da seca : cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha** / Lalada DalGLISH – 2. Ed. – São Paulo : Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

**Ensaio de ciências sociais** – uma experiência do MINTER / Organização [de] Norma Missae TAKEUTI, Alex GALENO; Vanda Maria Campos S. DANTAS... (et al.) – Natal: EDUFRN, 2010. 240p.:il.

FERREIRA, A. B. H. Aurélio século XXI: **o dicionário da Língua Portuguesa**. 3.ed. ver. E ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia : Ciência do homem ; filosofia da cultura** / Mércio Pereira Gomes. – São Paulo : Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **As culturas populares no capitalismo** – In: Noivas da seca : cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha / Lalada Dalgligh – 2. Ed. – São Paulo : Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia** / Anthony Giddens : tradução Sandra Regina Netz. – 4. Ed. – Porto Alegre : Artmed, 2005.

**Geografia: leituras culturais** / Organizadores: Maria Geralda de Almeida, Alecsandro JP Ratts. – Goiânia : Alternativa, 2003, 286p.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 6. Ed: Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia. – 18.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAKATO, Eva Maria; Marconi, Mariana de Andrade. **Fundamento de Metodologia Científica**. 3 ed. Ver. Ampl. São Paulo. Atlas. 1995.

LEMOES, A. C. P. N. **Mineração e Planejamento: Estudo de Caso no Município de Itaú**. 1991. Dissertação de Mestrado em Política e Administração de Recursos Minerais, UNICAMP.

MARCONI, Marina de Andrade. **Antropologia: uma introdução** / Marina de Andrade Marconi, Zélia Maria Neves Presotto – 7. ed. – 2. Reimpr. - São Paulo: Atlas, 2009.

**Patrimônio cultural : da memória ao sentido do lugar**. / Clerton Martins, organizador. – São Paulo : Roca, 2006.

PRADO JUNIOR, Caio / 1907 – 1990. **Formação do Brasil Contemporâneo : colônia** / Caio Prado Junior, - 23ª ed. – São Paulo : Brasiliense, 1997.

**Perspectiva Comparativa** / Neuza Araújo de Farias – Brasília: Editora Otimismo, 2010.

RIBEIRO, Darci. **Arte e gente do Vale do Jequitinhonha** – In: Noivas da seca - Revista Geográfica Universal, jul. 1982b.

Souza Filho, Carlos Frederico Marés de. **Bens Culturais e proteção jurídica**. Porto Alegre, EU/Porto Alegre. 1997. 140p. 21cm.

SILVA, Igor Libertador. **Design da tradição: a produção artesanal da cerâmica de Santana do São Francisco** / Igor Libertador Silva: orientação [de] Lisabete Coradini. – Natal – RN: 2010.106f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (UFRN),1010.

STRAUSS, Lévi. C. **A Oleira Ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.  
Disponível em: <<http://inlivros.net/download/351/a-oleira-ciumenta--claud-levi-strauss.html>>  
Acesso 22/03/2012

Santos, José Luiz dos. **O que é cultura** / José Luiz dos Santos. São Paulo : Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos ; 110)

SENAC. DN. **Oficina : cerâmica** / Eliana Penido; Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro ; Ed. Senac Nacional, 1999. 120 p. Il. Inclui bibliografia.

\_\_\_\_\_. **Tintas e Texturas**. / Elias Fajardo; Cristina Mathias; Armando Freitas, Rio de Janeiro : Ed. Senac Nacional, 2002. 80p. Il. Inclui Bibliografia e referências iconográficas.

\_\_\_\_\_. **Fios e fibras**. / Elias Fajardo; Eloi Calage; Gilda Joppert. Rio de Janeiro : Ed. Senac Nacional, 2002. 80p. Il. Inclui Bibliografia e referências iconográficas.

UNIVERSIDADE TIRADNETES (UNIT). **Sergipe Panorâmico** / Universidade Tiradentes; Organização [de] Jouberto Uchôa de Mendonça e Maria Lúcia Cruz e Silva. 2.ed. Aracaju: UNIT, 2009

**Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material** / organização: Cláudia S. Rodrigues Carvalho, Marcus Granato, Rafael Zamorano Bezerra, Sarah Fassa Benchertrit. – Rio de Janeiro : Museu Histórico Nacional, 2008.368p. : Il. : 23cm. – (LIVROS DO Museu Histórico Nacional)

**Velho Chico** – uma história do baixo São Francisco, por Kátia Maria Araújo Souza Aracaju: IBAMA, 1995.



## BIBLIOTECA ONLINE

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **As ceramistas indígenas do São Francisco**. Estud. av. [online]. 2003, vol.17, n.49, pp. 255-270. ISSN 0103-4014.  
Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300015>>  
.Acesso 08/03/2012.

### ARTESANATO

Disponível

em: <<http://www.portaldoartesanato.pe.gov.br/noticiasDetalhe.php?codigo=12> >  
Acesso 01/05/2012

### Artesanato

Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=4&menu=2047>>  
Acesso 25/04/2012

### Claudio Bento-artesão

Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/2006-novembro.pdf>  
Acesso 20/04/2012

### IBAMA

Disponível em:< [http://www.ibama.gov.br/edicoes/site/pubLivros/serie\\_39.pdf](http://www.ibama.gov.br/edicoes/site/pubLivros/serie_39.pdf)>  
Acesso 03/05/2012

### IBGE

Disponível

em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=27&uf=28>>  
Acesso 03/05/2012

### IPHAN

Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do;jsessionid=F05C2E118002FFA369F66CC6C8A73998>>  
Acesso 25/05/2012

MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/49268/1/RESUMO-DO-LIVRO-PESQUISA-SOCIAL-TEORIA-METODO-E-CRIATIVIDADE/pagina1.html#ixzz1OipQWHBk>  
Acesso em: 10/30/2012.

MACEDO, R. S.; MENEZES, R. R.; NEVES, G. A. e FERREIRA, H. C.. **Estudo de argilas usadas em cerâmica vermelha**. Cerâmica [online]. 2008, vol.54, n.332, pp. 411-417. ISSN 0366-6913.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0366-69132008000400005>  
.Acesso 22/04

Patrimônio Imaterial

Disponível

em: [http://www.etnodoc.org.br/index.php?option=com\\_content&id=21:patrimonio-imateria&catid=3:apresentação&Itemid=7](http://www.etnodoc.org.br/index.php?option=com_content&id=21:patrimonio-imateria&catid=3:apresentação&Itemid=7)

Acesso 22/05/2012

PROGRAMA DE ARTESANATO BRASILEIRO.

Disponível em: <http://pab.desenvolvimento.gov.br>

Acesso 01/05/2012

PINHEIRO, B. C. A. e HOLANDA, J. N. F.. **Efeito da temperatura de queima em algumas propriedades mecânicas de cerâmica vermelha**. Cerâmica [online]. 2010, vol.56, n.339, pp. 237-243. ISSN 0366-6913.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0366-69132010000300005>  
.Acesso 22/04/12

PROGRAMA SEBRAE DE ARTESANATO. Termo de referência - março de 2004.

Disponível em:

[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/83B80234261B3CD683257249004FEBE F/\\$File/NT00034A92.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/83B80234261B3CD683257249004FEBE F/$File/NT00034A92.pdf)

Acesso 25/04/2012

SEBRAE

Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/setor/ceramica-vermelha>

Acesso 22/04/2012

SEBRAE

Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato>

Acesso 23/04/2012

Sergipe – cultura e Diversidade

Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/55756813/SERGIPE-CULTURA-E-DIVERSIDADE-conhecer-reconhecer-e-valorizar>>

Acesso 03/05/2012

SCHULLER, D.; BIANCHI, E. C. e AGUIAR, P. R.. **Influência de defeitos e diferentes processos de fabricação nas propriedades mecânicas finais de cerâmicas**. Cerâmica [online]. 2008, vol.54, n.332, pp. 435-442. ISSN 0366-6913.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0366-69132008000400008>

Acesso: 22/04/2012

UNESCO

Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-heritage/#c154838>>

Acesso 22/05/2012

Suzuki, Shoko. Cerâmica

Disponível em: <[www.cotianet.com.br/Cultura/ShokoSuzuki.htm](http://www.cotianet.com.br/Cultura/ShokoSuzuki.htm)>

Acesso 17/05/2012

## DOCUMENTOS CONSULTADOS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: apresentação de citações em documentos: procedimentos.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução do Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1991.

Brasil. Constituição (1998). **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

Disponível em: <<http://www.firb.br/ABNT3.pdf>>

Acesso em: 29/04/2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior. Programa do Artesanato Brasileiro. 1995.

Disponível em:<[www.mdic.gov.br/sitio/interna.php?>](http://www.mdic.gov.br/sitio/interna.php?>)

Acesso: 29/04/2012

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicação das Normas da ABNT. – 15. Ed. – Porto Alegre: s.n., 2011.

## GLOSSÁRIO

Argila - Substância formada principalmente de sílica, alumina e água, fácil de modelar, com a qual se fazem potes e outros utensílios domésticos e que é também empregada na fabricação de tijolos e telhas. Barro.

Artesã(o) - Trabalhador manual que trabalha por sua conta, só ou com o auxílio dos membros da família e alguns companheiros.

Atravessadores - Indivíduo que atravessa mercadorias, que as compra para monopolizar o mercado.

Barreiro - Lugar onde existe barro ou de onde se retira o barro

Cerâmica - A arte da fabricação de louça de barro cozido. Peças feitas de barro.

Definhamento - Enfraquecimento, empobrecimento.

Etnográfico - Ramo das ciências humanas que tem por objeto o estudo descritivo das etnias.

Figuras Antropomórficas - Semelhante ao homem.

Intangível - Que não se pode apalpar.

Nicho - Cavidade em parede para colocar estátua, urnas funerárias, imagens de santos etc.

Óxido de alumínio - Composto resultante da combinação de um corpo com o oxigênio.

Pisas de barro - Calcar, esmagar uma coisa(barro) pouco resistente.

Tangível - Que se pode tanger ou tocar; palpável.

# APÊNDICE

UNIVERSIDADE TIRADENTES  
ENTREVISTA FEITA COM AS ARTESÃS

1. Qual o seu nome? Idade? Estado Civil? Quantos filhos?
2. Com quem aprendeu a arte da cerâmica?
3. Como você sente-se quando faz este trabalho desde a modelagem até a peça pronta?
4. A senhora se reconhece como artesã?
5. Como a senhora organiza o seu dia, com relação a cerâmica, a família e a casa?
6. Como a senhora vê o desinteresse dos jovens pela cerâmica?
7. Como ocorre o processo de construção, desde a aquisição do barro até a venda das peças?
8. O que se vende atende as necessidades ou precisa de outra fonte de renda?
9. Que incentivo o município deve oferecer para a produção e comercialização da cerâmica?
10. De todo o processo da produção, qual o maior desafio que se enfrenta?
11. A senhora faz ou já fez parte de alguma associação ou sindicato dos artesãos? Por quê?
12. Que valor tem a cerâmica na sua vida?

UNIVERSIDADE TIRADENTES  
ENTREVISTA FEITA COM OS ARTESÃOS

1. Qual o seu nome? Idade? Estado Civil? Quantos filhos?
2. Qual a sua opinião sobre o trabalho das mulheres ceramistas?
3. O senhor seria capaz de fazer a cerâmica manualmente? Por quê?
4. Como o senhor sente-se trabalhando junto com sua esposa?



UNIVERSIDADE TIRADENTES  
ENTREVISTA FEITA COM O HISTORIADOR

1. Qual o seu nome? Idade? Estado Civil?
2. Qual a sua formação acadêmica?
3. O que levou o senhor a buscar fontes sobre a história de Santana do São Francisco?
4. Como surgiu o desejo de publicar livros sobre o município?
5. Como o senhor vê a atuação dos atravessadores?
6. O que falta para o artesanato santanense melhorar sua produção e comercialização?
7. Qual a maior dificuldade hoje para os artesão e artesãs do município?

# **ANEXOS**



**Foto 1:** Artesã C.B. ceramista há 73 anos atuante  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 2:** artesã J.S. organizando o forno  
Finte: Acervo da pesquisadora



**Foto 4:** Artesã C.M. preparando a tinta para pintar as peças  
Fonte: Acervo da pesquisadora





**Foto 5:** artesã B.M. pintando as peças em sua casa  
Fonte: acervo da pesquisadora



**Foto 6:** artesã B. M. e sua produção  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 7:** artesã B. M. pintando suas peças  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 8:** artesã I.S. modelando o barro  
Fonte: Acervo da pesquisadora





**Foto 9:** a artesã C.P. pintando suas peças em casa  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 10:** artesã C. P. modelando um pato  
Fonte: Acervo da pesquisadora

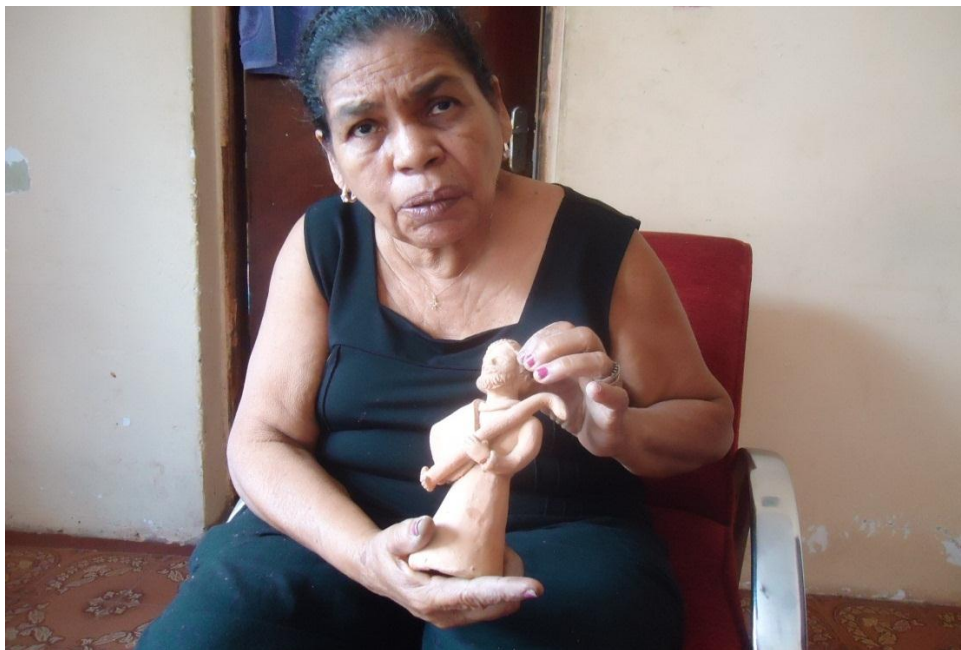


**Foto 11:** artesã C.P., suas peças cerâmicas e a pesquisadora  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 12:** artesã M. R. modelando  
Fonte: Acervo da pesquisadora





**Foto 13:** artesã M.R. com sua peça cerâmica  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 14:** artesã M. S acabamento da peça cerâmica  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 15:** artesã M. S e sua peça cerâmica  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 16:** Historiador Roberto B. da Cruz  
Fonte: acervo da pesquisadora





art

**Foto 17:** artesão O.S. esposo da artesã I.S. amaciando o barro  
Fonte: Acervo da pesquisadora



**Foto 18:** artesão F.M. esposo da artesã C.M. modelando no torno  
Fonte: Acervo da pesquisadora

## PEÇAS DE CERÂMICA FIGURATIVA



Peças de decoração



Peças para pagamento de promessas



Peças de decoração





Peças de decoração



Artesã e suas peças



Peças de decoração



Peças de decoração



Peças de decoração